

FAZER A PONTE

Ana MOREIRA (*Coordenação*)
Colectivo de PROFESSORES

Escola EB 1 n° 1 da Ponte, Vila das Aves
Escola EB 1 n° 1 da Ponte, Vila das Aves

Resumo

As novas tecnologias educativas de informação e comunicação, surgem no âmbito do projecto educativo, dentro de uma organização de escola entendida numa outra maneira de reflectir a pratica pedagógica, constituindo-se como parte integrante de toda a actividade desenvolvida. As tecnologias surgem, neste contexto, como mais um recurso, mais uma ferramenta útil para alunos e professores, ajudando a derrubar outros muros e na partilha de novos espaços e novos saberes. Elas foram integradas no todo do projecto educativo e são dispositivos e ferramentas indispensáveis à reinvenção da escola.

Introdução

As novas tecnologias de informação e comunicação são apenas mais um dispositivo, mais uma ferramenta, no quadro de um projecto educativo.

Há 25 anos, foram definidos como objectivos:

- Concretizar uma efectiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garantisse as mesmas oportunidades educacionais e de realização pessoal para todos;
- Promover a autonomia e a solidariedade;
- Operar transformações nas estruturas de comunicação e intensificar a colaboração entre instituições e agentes educativos.

Em 1976, as respostas a algumas interrogações deram origem a profundas mudanças na organização da escola, na relação entre a escola e os encarregados de educação dos alunos e nas relações estabelecidas com diferentes parceiros locais.

Neste contexto, avançámos com *uma outra* organização da escola, *uma outra* relação entre os vários grupos que constituem a equipa educativa (pais, professores, alunos, pessoal auxiliar), um *outro modo* de reflectir as práticas. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação tiveram lugar.

Passámos de objectivos de instrução a objectivos mais amplos de educação. Este projecto sugere um modelo de escola que já não é a mera soma de actividades, de tempos lectivos, de professores e alunos justapostos. É uma formação social em que convergem processos de mudança desejada e reflectida, um lugar onde conscientemente se transgride, para libertar a escola de atavismos, para a repensar.

Compreendemos que, se cada criança é um ser único e irrepetível, seria errado imaginar a coincidência de níveis de desenvolvimento semelhantes em dois alunos. Tínhamos entendido que não seria inevitável pautar do *ritmo* dos alunos pelo *ritmo* de um manual ou pela homogeneização operada pelos planos para um hipotético *aluno médio* que não existia. E, sem deixar de *dar o programa*, conseguimos ir além do *aprender a ler, escrever e contar*, porque educar é mais do que preparar alunos para fazer exames, é ajudar as crianças a entenderem o mundo e a realizarem-se como pessoas, muito para além do tempo de escolarização. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação tiveram lugar.

Hoje, em *equipa educativa*, todos os professores são professores de todos os alunos e todos os alunos são-no de todos os professores. E, porque são decisivos os contextos onde se aprende, os professores prescindiram do refúgio numa *sala de aula* e optaram pela partilha de *espaços educativos*, para o que fizeram edificar uma escola "*de área aberta*". O derrubar das paredes libertou alunos e professores da rigidez dos espaços tradicionais e acompanhou o derrube de *outros muros*. Em qualquer momento, os professores e alunos encontram-se e mutuamente se ajudam. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar.

Acrescentámos às tradicionais *dificuldades de aprendizagem* o reconhecimento das *dificuldades de ensino* e procurámos concretizar um ensino diferenciado onde um mesmo currículo para todos os alunos é desenvolvido de modo diferente por cada um. Não há um professor para cada turma, nem uma distribuição de alunos por *anos de escolaridade*. Essa subdivisão foi substituída, com vantagens, pelo trabalho em grupo heterogéneo de alunos. Dentro de cada grupo, a gestão dos tempos e espaços permite momentos de trabalho em pequeno grupo, de participação no colectivo, de "ensino mútuo", momentos de trabalho individual. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar.

Os alunos gerem, quase em total autonomia, os tempos e os espaços educativos. Escolhem o que querem estudar e com quem. As dúvidas a que os momentos de pesquisa não logram dar resposta são resolvidas no encontro com um professor. Como não há manuais iguais para todos, o núcleo documental e a biblioteca são lugares de encontro, de procura e troca de informação. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar. E, como é evidente,

os professores também são também fontes de informação, de segurança, de interrogações, de afecto...

Em cada grupo há sempre um aluno *"especial"*. Se os professores, por qualquer motivo, em determinado momento, não podem acompanhar directamente o trabalho de uma dessas crianças, logo um colega atento se disponibiliza para a ajudar. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar. As dúvidas a que a pesquisa não logra dar resposta são resolvidas no recurso ao encontro com o professor, em pequeno grupo. Só participa do encontro quem o deseja e o explicita.

Todos os momentos de avaliação são entendidos como oportunidades de aprendizagem e é dada ao aluno a possibilidade de decidir se *já é capaz, se já sabe*. A avaliação também acontece quando ele quer, sem a maçada e o despropósito dos testes em simultâneo e iguais para todos. Também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar.

Na Escola da Ponte, cada criança age como participante de um projecto de preparação para a cidadania no exercício da cidadania. Foi por isso que se constituiu a Assembleia de Alunos que reúne semanalmente. E as crianças não são educadas apenas para a autonomia, mas através dela, nas margens de uma liberdade matizada pela exigência da responsabilidade. Buscamos apenas uma *escola de cidadãos* indispensável ao entendimento e à prática da Democracia. Procuramos, no mais ínfimo pormenor da relação educativa, formar o cidadão democrático e participativo, o cidadão sensível e solidário, o cidadão fraterno e tolerante. Para substituir a cultura do individualismo egoísta pela cultura da solidariedade, é necessário vivê-la e ensiná-la na escola, não apenas em momentos isolados, mas em todos os dias, em todas as horas. Ninguém nasce democrata, ninguém aprende sozinho a ser solidário. Para adquirir uma cultura democrática não basta viver num regime democrático. Às escolas cabe grande responsabilidade neste domínio. E também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar.

Os miúdos sabem que *"a Assembleia é uma coisa importante"*, que *"os alunos e os professores reúnem-se e discutem juntos os problemas da escola"*, que *"aprendemos a respeitar regras e a respeitar-nos uns aos outros e a decidir o que é melhor para todos"*. Quando uma professora, em plena assembleia, perguntou à Catarina (sete anos de idade) *"Quando acontece cidadania?"*, a pequena respondeu prontamente: *"Acontece sempre"*. E, quando a professora insistiu, pedindo que a aluna explicitasse a resposta, esta acrescentou: *"É quando eu levanto o braço para pedir a palavra ou pedir ajuda, quando me levanto e arrumo a cadeira sem fazer barulho, quando ajudo os meus colegas no grupo, quando apanho lixo do chão e o deito no caixote do lixo, quando oiço o meu colega com atenção, quando estou na Assembleia..."*.

Mas a escola de cidadãos não pode ser uma ilha. Um projecto de escola democrática é um acto colectivo. O sucesso dos alunos depende da solidariedade exercida no seio de equipas educativas, que facilita a compreensão e a resolução de problemas comuns.

A associação de pais é hoje um interlocutor sempre disponível, um parceiro indispensável. Mas a colaboração dos pais não se restringe às actividades promovidas pela sua associação. No início de cada ano, todos os encarregados de educação participam num encontro de apresentação do Plano Anual. Mensalmente, ao sábado de tarde, os projectos são avaliados com o seu contributo. E há sempre um professor disponível para o atendimento diário, se algum pai o solicita. E também aqui as novas tecnologias de informação e comunicação têm lugar.

O nosso projecto não é de um professor, é de uma escola, pois só poderemos falar de projecto quando todos os envolvidos forem efectivamente participantes, quando todos se conhecerem entre si e se reconhecerem em objectivos comuns. Há vinte e cinco anos, escrevemos no nosso projecto educativo que os professores estão mais precisados de interrogações que de certezas. Porque não nos deixamos deslumbrar pelas "soluções" encontradas, mantemos despertas muitas dessas interrogações: Será possível conciliar a ideia de uma educação para a (e na) cidadania com o trabalho do professor isolado física e psicologicamente na sua sala de aula, sujeito a uma racionalidade que preside à manutenção de um tipo de organização da escola que limita ou impede o desenvolvimento de culturas de cooperação? Quando nos confrontamos com o insucesso dos nossos alunos, não será preciso ultrapassar a atribuição de culpas ao "sistema", não será também necessário interpelar arquétipos que enformam a cultura pessoal e profissional dos professores?

De que modo, também aqui, as novas tecnologias de informação e comunicação terão lugar?

Na nossa escola, as novas tecnologias de informação e comunicação não são e nunca foram panaceias, ou o centro de um projecto.
Foram e são dispositivos e ferramentas indispensáveis à reinvenção da Escola.

Fases de desenvolvimento do projecto	Problemas identificados	Dispositivos introduzidos	Integração de novas Tecnologias de Informação e Comunicação
1976/1980	O trabalho escolar estava totalmente centrado no professor e enformado por manuais iguais para todos. Os professores encontravam-se física e psicologicamente isolados, encerrados numa sala, por vezes em horários diferentes dos de outros professores, entregues a si próprios. A escola funcionava num velho edifício contíguo a uma lixeira. Nas paredes, cresciam ervas. O quarto-de-banho, no exterior, estava em ruínas e não tinha porta.	Projecto Educativo Contactos com os pais Comissão de pais Parcerias Associação de pais Plenário de alunos Registos de auto-planificação e auto-avaliação dos alunos Tribunal Núcleo documental Jornal de parede Jornal escolar "Folhas de rascunho" "Textos inventados" Visita de estudo Ficha de informação	

FAZER A PONTE

1980/1984	Tomou-se também consciência de novas e maiores dificuldades. Considerou-se não ser possível construir uma sociedade de indivíduos participantes e democráticos enquanto a escolaridade fosse concebida como um mero adestramento cognitivo. O relacionamento com os pais dos alunos era formal, individual e não-permanente. As crianças passavam as férias no abandono da rua a sonhar com um mar inacessível.	Assembleia de alunos Convocatórias Actas Relatório, manifesto Listagem de direitos e deveres Cartaz dos aniversários Registo de presenças Pedido de palavra "Perdidos e achados" Plano Quinzenal Ficha de avaliação formativa "Preciso de ajuda" Registo de disponibilidade "Livro da vida" "Acho bem, acho mal" Cartaz da correspondência Viveiro do bicho-da-seda Trabalho cooperativo em equipa de professores Planos dos professores Biblioteca de pesquisa	Equipamento áudio e visual
1984/1991	As crianças que chegavam à escola com uma cultura diferente da que aí prevalecia eram desfavorecidas pelo não reconhecimento da sua experiência sociocultural. Algumas das crianças transferiam para a vida escolar os problemas sociais dos bairros pobres onde viviam e requeriam grande atenção e investimento no domínio afectivo e emocional. A colocação das crianças ditas com necessidades educativas especiais junto dos ditos normais não era medida suficiente para que não interiorizassem incapacidades, para que não se vissem cada vez mais negativamente como alunos e depois como pessoas.	Reuniões de Sábado Trabalho cooperativo em grupo heterogéneo de alunos Grelha de objectivos Caixa dos Segredos Plano diário Capa de arquivo dos trabalhos Registo de pesquisa Jogos educativos Mural do "jogo das perguntas" Mural de avisos e recomendações Terrário Gestão dos cacifos Clube dos leitores Trabalho "com liberdade e categoria" Aula directa estabelecida pelos professores	Novos suportes do jornal escolar
1991/1996	Falava-se de "dificuldades de aprendizagem". Porque não falar também de dificuldades de ensino? E como poderíamos reforçar uma cultura de cooperação?	Caderno de recados Atendimento diário e tutoria Debate Cartazes de preparar projectos Ler para os outros Novidades e jornal diário Música ambiente Discussão de um assunto Aula directa solicitada pelos alunos Bibliografias Tarefas e responsabilidades individuais Mapa de responsabilidades "Clube dos Limpinhos"	Oficina dos computadores (iniciada em 1992, com PC oferecidos por empresas e amigos da escola) Auto-formação
1996/2000	Os iniciadores do projecto aproximavam-se da reforma. Seria necessário assegurar a continuidade e alargamento do projecto. Seria necessário criar uma nova equipa de professores e instituir uma fase de auto-avaliação e de transição.	Agrupamento de escolas Nova equipa de projecto Tarefas e responsabilidades de grupo Conselho "eco-escolas" "Comissão de ajuda" Trabalho de pares (prof.) Rede de escolas Trocas de professores entre escolas da rede	Rede de computadores Ligação à Internet Correio electrónico Jornal em suporte informático Intranet na rede de escolas Páginas na WEB

Notas acerca da integração das novas tecnologias de informação e comunicação

As TIC são parte integrante de toda a actividade desenvolvida no quadro do nosso projecto educativo. A introdução das TIC foi encarada com prudência e os caminhos estão ainda a fazer-se... Seria inútil qualquer tentativa de reduzir o projecto ao âmbito da utilização das TIC. Esta introdução foi sempre um processo de quase-diluição nas práticas que configuram, desde 1976, o nosso modo de fazer uma escola.

Em 1992, a utilização do computador foi concretizada com o apoio dos pais dos alunos, dos professores e de amigos, que adquiriram e ofereceram à escola quatro computadores (dois novos e dois usados). Esse equipamento era insuficiente. Apesar de os computadores funcionarem durante todo o dia, as crianças eram forçadas a lista de espera, por serem muitas para tão escassos recursos.

Dispomos agora de doze unidades, o que coloca a relação alunos/computador em 1 para 10. Todas as unidades são microcomputadores Pentium dotados com multimedia.(CD-Rom, fax/modem, Office 2000, software gráfico), a que se juntou impressoras a jacto de tinta e laser, scanner, máquinas de fotografar e filmar digitais, etc.

Os computadores já instalados encontram-se em rede. Qualquer aluno, como qualquer professor, pode, a qualquer hora de qualquer dia recorrer a essa rede. No ano lectivo de 1996/1997, a utilização dos computadores passou a integrar, sob múltiplas valências, o currículo desta escola. Com recurso a dois animadores de tempos livres, desenvolvemos um plano que envolveu todos os alunos da escola, em actividades de complemento curricular. No quadro destas realizações, foram desenvolvidas actividades de produção, organização e edição de informação, pesquisa, permuta de dados em rede interna, no domínio disciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar.

Actualmente, mantemos colaborações permanentes com várias escolas portuguesas, bem como com escolas de outros países, nomeadamente, da Áustria, do Brasil, da Espanha e da Islândia.

Poderemos afirmar que, no quotidiano do nosso trabalho, já não podemos isolar as tarefas realizadas com recurso às TIC de outras. O tempo de utilização é todo o tempo de escola, tudo está integrado e só assim faz sentido. Os professores estão envolvidos em cursos de formação na área das TIC, porque há sempre novos conhecimentos e competências a aprender. Também temos contado com o apoio de amigos especialistas em TIC que, para além das acções de formação, vêm acompanhando de perto o nosso esforço de adaptação e ajudado a resolver alguns problemas.

Pensamos ter conseguido

Ultrapassar a tendência para a substituição do professor pelo computador;
Que o recurso ao computador não se constituísse em factor de homogeneidade;

Eliminar o risco de ao aumento de competências no âmbito da utilização das TIC corresponder um decréscimo de flexibilidade curricular;

Que o crescimento do nível de desempenho das TIC não afectasse a ideia de projecto e as atitudes dos professores e alunos;

Que o centro do espaço comum da escola de "área aberta" continuasse a ser a mediateca, local de encontro e de procura de informação, sem que a rede de computadores se constituísse em "altar", nem a idolatria substituísse o bom senso e o princípio da diversidade das fontes documentais;

Que será agora mais profícua a colaboração existente com várias escolas portuguesas e estrangeiras;

Que as TIC contribuíssem para esbater o isolamento de muitos professores de outras escola e lhes permitissem dar os primeiros passos nas novas tecnologias, para que não vá qualquer escola "mais à frente e nenhuma outra escola fique, irremediavelmente... para trás".

Que a recolha de informação e a comunicação por correio electrónico fossem intensificados e o recurso à Internet generalizado no quadro das actividades de pesquisa que, até há alguns anos, tinham tido o papel por suporte quase exclusivo. (Este último objectivo, assim como o de informatização plena dos dados de avaliação e informação aos pais decorrem de um objectivo mais abrangente de preservação do meio ambiente e de reciclagem, que nos acompanha desde há um quarto de século).